

## *C.D.A.: cronista do* **Correio da Manhã**

Cláudia Poncione | Universidade Paris X – Nanterre

*Resumo: Entre 1954 e 1969 Carlos Drummond de Andrade escreveu três crônicas semanais nas páginas do jornal carioca Correio da Manhã, hoje desaparecido, mas que na época era o mais importante jornal brasileiro. Uma ínfima parte dessas crônicas foi publicada em volume. Escolhidas pelo próprio autor através do critério da atemporalidade, ou da literalidade, as crônicas que hoje conhecemos de Drummond são aquelas que o autor estimou merecerem sobreviver ao tempo. Contudo não são as que hoje permitem revelar aspectos desconhecidos do poeta e que dizem respeito à sua relação com a sociedade brasileira. A leitura das crônicas do Correio da Manhã revela um autor presente e participante na vida pública da época. Esse Drummond, cúmplice dos leitores com quem partilha o cotidiano, merece e precisa ser resgatado.*

*Palavras-chave: crônica, sociedade, arquivo.*

Quando aos oitenta anos de idade e no auge da consagração, não tendo mais nada o que provar a ninguém, Drummond, que durante décadas fugira dos repórteres, começou a dar entrevistas, praticamente em todas as falas de suas relações com a imprensa. Afirmou-se mais jornalista que poeta, buscando, possivelmente, recuperar uma parte importante de sua obra: um número imenso de crônicas publicadas ao longo de mais de sessenta anos de atividade profissional. Quando dizia que era mais jornalista que poeta, Drummond, na

verdade, reivindicava a continuidade de sua produção literária, e chamava a atenção para um componente inseparável de sua obra poética, escritos, desconhecidos ou esquecidos, negligenciados. Buscando assim valorizar a relação de uma vida inteira, sua única fidelidade, seu trabalho, no sentido dos de Hércules, na imprensa brasileira.

A existência de um Drummond “homem de jornal” foi claramente estabelecida por Rita de Cássia Barbosa.<sup>1</sup> Numa literatura, como a brasileira, em que a crônica ocupa um lugar *sui generis*, na qual ilustres autores, Machado de Assis, Olavo Bilac, Mário de Andrade..., foram também cronistas talentosos e respeitados, o percurso de Drummond nas páginas dos jornais de Minas e, depois, do Rio de Janeiro, não foge propriamente à regra.

Para essa longa carreira de cronista, Drummond aceitava uma divisão em três fases:<sup>2</sup> a primeira, anterior a 1934, nas páginas de jornais mineiros; em seguida, a fase do *Correio da Manhã* que vai de 1954 a 1969 e depois uma terceira no *Jornal do Brasil* entre 1969 e 1984.

As crônicas do segundo período reúnem características excepcionais: correspondem à fase áurea da crônica no Brasil e foram escritas por um Drummond no auge da popularidade, da sua capacidade crítica, da criatividade poética. Quando aceitou, em 1954, escrever três crônicas semanais para O *Correio da Manhã*, Drummond, se já era um poeta amplamente consagrado, era também um homem múltiplo, um homem de contradições, de paradoxos, de fidelidades cruzadas. Tinha vivido as ilusões e as desilusões das ideologias de seu século. Com 52 anos, maduro, experiente, quase totalmente cético em relação ao mundo, tinha dos homens e da vida um conhecimento que, conjugado com sua sensibilidade de poeta, lhe oferecia um instrumento excepcional de análise da realidade.

Em períodos de plena liberdade de expressão e em outros de menos liberdade, Drummond manifestou-se em relação à maioria absoluta dos fatos que marcariam de forma decisiva a história brasileira do século XX. Mas não somente. Comentou todos os grandes acontecimentos do cenário mundial, as grandes tendências das artes e das letras no Brasil e no mundo e sobretudo olhou com seus olhos de poeta um cotidiano feito de pequenas misérias e pequenas glórias que trazem um Rio de Janeiro e um Brasil que só vive na memória daqueles que o conheceram. Comentando, devolvendo ao leitor uma

1. BARBOSA, 1984.

2. BARBOSA, 1984. p. 418.

realidade retrabalhada, recriada, Drummond partilhava com ele sua experiência pessoal. Ao devolver-lhe os fatos que escolheu comentar e que o leitor conhece, sem maiores elaborações, através da leitura dos jornais, o cronista explica-os e interpreta-os estabelecendo assim entre ambos uma relação de fidelidade.

Na crônica como filha do tempo que é, a narração é contemporânea ao fato, às vezes até simultânea dele. O cronista apodera-se do fato cotidiano naquilo que tem de exemplar. Nos jornais é o vigia, o decifrador; põe a mão na massa dos fatos, dos acontecimentos; deles tira a essência. Devolve ao leitor perdido na anarquia aparente das notícias o fio de Ariadne. Da matéria disforme das matérias jornalísticas, escolhe, seleciona, calibra, apura e devolve uma realidade reconstruída. Seu fragmento é uma obra, sua crônica é assinada, personalizada. Fala na primeira pessoa, busca a cumplicidade do leitor, longe de querer narrar o conjunto dos fatos, o cronista o que quer é decifrar o cotidiano.

Moradores da capital federal, da Cidade Maravilhosa, cronista e leitor, e em seguida brasileiros de outras cidades estabelecem uma relação identitária, mais que isso, uma relação de confiança. Oriundos que são da mesma classe social, é certo, mas com a diferença que o cronista, sobretudo se poeta, possui o dom de despertar no leitor um sorriso ou, mais raramente, um esgar matinal, sem que sejam precisos maiores preâmbulos para entrar diretamente no assunto. É a mesma realidade vivida pelos dois que inspira o cronista, só que o leitor a reencontra sublimada, transformada, compreensível enfim dentro de um cotidiano urbano que já não era isento de agruras.

Essa realidade das crônicas, e neste caso das crônicas de Drummond, é devolvida ao leitor depois de uma filtragem. Mas qual é o filtro? São os critérios de quem crê possuir os verdadeiros valores morais, os valores da sociedade brasileira tradicional, da sociedade mineira rural, os valores da infância do poeta. *Cadeira de Balanço*, título de uma das coletâneas de crônicas publicadas no *Correio da Manhã*, é a alegoria desses valores tradicionais, perdidos na cidade grande, de que Drummond dispõe para analisar a realidade e devolvê-la a quem perdeu em parte suas referências.

Cadeira de balanço é móvel da tradição brasileira que não fica mal em apartamento moderno. Favorece o repouso e estimula a contemplação serena da vida, sem abolir o prazer do movimento.<sup>3</sup>

3. DRUMMOND, 1966. p. 5.

O tradicional no moderno, o tempo para uma pausa consagrada à reflexão na vida agitada das grandes cidades, sem contudo cair no imobilismo nem no passeísmo. Eis uma explicação do grande sucesso que alcançaram as crônicas que Drummond durante quinze anos publicou no *Correio da Manhã*. Mas é preciso não esquecer que se tratava de um jornal especial dentro da imprensa brasileira de então.

Fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt, ocupava um lugar de primeira linha: era o mais conceituado jornal do Rio de Janeiro, capital federal, nos anos 50 e 60, o principal centro político do país, com uma importância que nunca chegou a ser igualada por Brasília.

Escrevendo no *Correio*, Drummond escrevia no mais prestigioso e combativo jornal do Brasil e nele sentia orgulho de trabalhar: “Trabalhei no Correio da Manhã, que era um jornal heróico, briguento”.<sup>4</sup>

Reduzido à falência em 1969, após uma oposição virulenta contra a ditadura militar que ajudara a colocar no poder, esse jornal tinha, em 1954, quando Drummond aceitou ser cronista regular, um prestígio que nunca nenhum jornal brasileiro alcançou depois.

Drummond já colaborava de forma irregular no jornal. Desde 1944, escrevia para o *Correio* crônicas muitas vezes literárias. Em 1945, quando deixou o gabinete de Gustavo Capanema no MEC, Augusto Frederico Schmidt, poeta, jornalista e homem de negócios, membro da redação, transmitira a Drummond um convite de Paulo Bittencourt para tornar-se colunista político no *Correio*.

Depois de ter escrito um editorial em que comparava Getúlio a Macbeth, Drummond renunciara ao projeto de ser cronista político, mas continuara a publicar crônicas de modo episódico. Foi através de Álvaro Lins, crítico literário titular e editorialista, que, em 1954, foi feita uma nova proposta ao poeta, desta vez aceita.

Naquele jornal as crônicas de Drummond foram publicadas ao lado de matérias escritas pelos maiores nomes das Letras brasileiras:

(...) aquele jornal ao mesmo tempo elegante e apaixonado, que tinha entre seus redatores Otto Maria Carpeaux, Franklin de Oliveira, chegou ao luxo de se valer de revisores como Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Hollanda era o grande jornal do Rio de Janeiro, lido por toda a elite carioca.<sup>5</sup>

4. DRUMMOND, 1985.

5. CANÇADO, 1993. p. 250.

Compreende-se que escrever num jornal feito pela elite do jornalismo e lido pela elite do país fosse uma honra, como disse Drummond na sua 500ª crônica.

(...) e uma casa como o *Correio*, onde se dá ao cronista liberdade de pensar, sentir e escrever ao sabor de sua fantasia – às vezes na direção oposta à da própria casa – é uma alegria para a gente. Se Paulo Bittencourt estiver me lendo, permita que quebre o padrão, assinalando a originalidade de um jornal assim. E peço a Antônio Callado que não risque o nome seu, Callado, ao passar os olhos pela matéria: nosso redator-chefe mostra que o jornal pode ser obra de arte, sem aspirar a isto.<sup>6</sup>

Drummond escrevia pois num jornal que considerava como “uma obra de arte” e tinha orgulho disso. Era lido pela elite intelectual do país e por essa classe média que era então a única classe social a intervir diretamente na vida política do Brasil. Escrevia entre seus pares para seus pares.

E entre 1954 e 1969 escreveria, no *Correio da Manhã*, 2.432 crônicas, 90% das quais, hoje, esquecidas, de certa forma voltaram a ser praticamente inéditas; já que apenas 10% foram publicadas em coletâneas.<sup>7</sup> Se o critério adotado pelo poeta-cronista para a publicação em volume foi o grau de temporalidade,

De duzentas crônicas que escrevo, tiro, por exemplo, dez que transcendem o efêmero do dia, porque tratam mais dos problemas do ser humano, problemas existenciais, reações do homem perante o mundo. E meu livro é a reunião de crônicas que achei que não eram perecíveis.<sup>8</sup>

São justamente aquelas que considerou demasiadamente temporais, que constituem um retrato fiel das relações de Drummond com seu tempo, constituindo uma síntese entre Drummond pessoa física e Drummond *persona* literária.

6. DRUMMOND, 1956.

7. 278 crônicas desse período foram publicadas em coletâneas: 61 em *Fala, amendoeira* (1957), 61 em *Cadeira de balanço* (1966), 78 em *Caminhos de João Brandão* (1970).

8. DRUMMOND, 1984.

Além da variedade dos temas tratados – do dia-a-dia mais corriqueiro, aos aspectos fantásticos de uma realidade que muitas vezes vai além da ficção, há nessas crônicas inúmeras referências à vida cultural: lançamentos de livros, desaparecimento de escritores, amigos... A atualidade teatral ou das artes plásticas inspirou igualmente muitas delas e ser objeto de um comentário do cronista era certeza de presença do público.

Nelas Drummond anotou as principais transformações da vida brasileira da metade do século XX, documento emocionante de autenticidade, da vida cotidiana do cronista-poeta e dos brasileiros das décadas de 1950/60. Quem hoje as lê fica irresistivelmente tentado a reconstruir a história do Brasil a partir delas.

Entramos num túnel do tempo, passamos a viver no momento exato em que foram escritas e ficamos contaminados pela emoção do cronista, pelo charme de um Rio de Janeiro, capital federal, cidade cosmopolita mas ainda bucólica. Graças à infinidade de detalhes da vida brasileira e carioca, que não sendo essenciais, estão ausentes dos livros de história, seguimos pistas que permitem compreender melhor nosso presente.

Contudo, apesar de impregnadas de historicidade, as crônicas que Drummond escreveu no *Correio da Manhã* não constituem um documento histórico propriamente dito. São a memória em movimento do maior poeta brasileiro do século XX. Surge então um Drummond desconhecido: cotidiano, engajado, observando a realidade com olhar acurado e pluma irônica.

Desse cronista, o leitor brasileiro de hoje não sabe nada! As únicas crônicas de Drummond conhecidas hoje são as publicadas em volume, descobertas no colégio, nas coletâneas ou livros escolares justamente porque são o símbolo de uma “literatura fácil”. Ignoram-se as “verdadeiras”, aquelas que Drummond deixara na “poeira dos arquivos”.<sup>9</sup>

Nesse nosso Brasil tão indiferente às experiências do passado, o desprezo geral por tudo o que é “velho”, ou considerado como tal, denota uma grave ruptura na cadeia de transmissão de experiências. A atual crise moral, que já está deixando de ser atual para ser permanente, tem origens no desaparecimento das referências às tradições e à memória. Ora, a crônica, a crônica de um poeta, é memória em ação, memória premonitória que singulariza o acontecimento e torna-o um símbolo de uma época.

9. DRUMMOND, 1964.

Essas crônicas voltam, quando lidas hoje, bonificadas pelo tempo, “esquecidas para lembrar” e podem hoje trazer de volta, com uma sinceridade a toda prova, o olhar de Drummond sobre a realidade brasileira de meados do século XX.

Freqüentador assíduo de arquivos e bibliotecas, Drummond afirmava que o presente não é singularmente pior do que o passado:

A leitura de publicações históricas, entre outras vantagens, tem a de dispensar a leitura dos papéis atuais. Através das primeiras, ficamos a par do que se está passando hoje e do que se passará amanhã, com a garantia de ver os acontecimentos já vazios do conteúdo agressivo, embalsamados e empacotados. Ao passo que nos jornais do dia, o que a gente topa soa confusões mil e aflição de espírito. (...) Acabo de verificar mais uma vez, com um prazer repousante, que o Brasil de nossos dias não é pior do que o Brasil do passado. Não houve queda vertical da moralidade política nem os costumes em geral se tornaram mais escandalosos.”<sup>10</sup>

Em 2002, ano do centenário nascimento do poeta-cronista, a leitura dessas crônicas permite paradoxalmente apreender o Brasil de hoje. Lugares de memória que condensam o passado, elas facilitam a compreensão do presente. E se as condições em que foram escritas não permitiam ao cronista tomar distâncias em relação aos acontecimentos, elas permitem que nós, hoje, relativizemos esses mesmos acontecimentos. Drummond dizia com razão que as situações muitas vezes se repetem:

E a vidinha foi tocada pra frente, sem lances históricos nem medalhas, mas igualmente sem IPM. Em suma, individual-mente o ano foi camarada. As dores maiores foram cívicas; a bem dizer, tristezas à beira-mar, que o mar se encarrega de repelir, com seu espetáculo de grandeza e força... e esse país, mano, lembra o mar, coisa grande e bela em si, na variedade de formas, de ímpetos ritmados. (...) são as minhas razões de confiar, confiar é exagero, mas de esperar alguma coisa de bom de meu semelhante, isto é, de você, de mim mesmo. (...) a vida é talvez um milagre dentro do qual subjulgamos todas as negações. Não há imposto de circulação de mercadorias nem alta da gasolina nem nada, que impeça o milagre cotidiano

10. DRUMMOND, 1957.

de alguém acordar e rever-se no mesmo espelho e sentir que o rosto lavado perde a fadiga sebosa do rosto noturno, e tudo é um vir-a-ser.<sup>11</sup>

É essa continuidade que torna comovedora a leitura das crônicas. Contudo, a consciência dessa continuidade se faz justamente quando se *percorre o caminho*. Razão pela qual podemos constatar, através da leitura das crônicas do *Correio da Manhã*, que com o passar do tempo cresce o seu ceticismo em relação à vida, aos discursos e aos homens políticos.

Não é a primeira crise a que o velhote assiste, e a experiência o convida a ter calma. Já viu revoluções, golpes, cargas de cavalaria nas ruas, trincheiras cavadas nas obras da Mantiqueira, metralhadoras pipocando, quarteirões de Copacabana cercados por tanques, e a vida recobrou seu ritmo. Na manhã em que esta linhas são batidas há um bonito sol faiscando nas árvores, e pelo movimento do Posto 6 conclui-se que muitos grevistas, entre os bancários, preferiram trocar o ativismo pela praia. Circulam maiôs e biquines (...) Passam as fórmulas políticas, passam as combinações de grupo e de momento, as grandes palavras dourando baixos interesses e ambições, passam rótulos de esquerda e direita, e resta um pobre ser vulnerável, de vida curta e alma ansiosa, que através do absurdo, entre equívocos, ambigüidades e pressões, busca (e seria bom que o deixassem) simplesmente – viver.<sup>12</sup>

O pobre ser que *busca simplesmente viver*, no absurdo de uma vida curta, no meio de equívocos, de pressões, era ao mesmo tempo C.D.A. e o leitor. O primeiro era incessantemente instado a tomar posição em relação a todo e qualquer acontecimento importante ou tido como importante por seus atores. Tomar posição foi o que fez, dentro das possibilidades do cronista, observador dos fatos.

Dentre as pressões sofridas por C.D.A. a obrigação de escrever uma crônica inédita três vezes por semana não era certamente a menor. Também era grande a dificuldade em escolher um tema no meio de tantos que oferecia a atualidade, ou melhor, que lhe eram sugeridos através de pedidos insistentes.

V. hoje está mesmo sem assunto, dirá o leitor. Trata de coisas fora do tempo, quando há nele tantas outras que pedem comentário”. Engana-se.

11. DRUMMOND, 1967.

12. DRUMMOND, 1962.

O que faz o martírio de um cronista é justamente o excesso de assunto. E como se não bastassem os da vida geral, exigindo reflexão, boa-vontade e humor, há os particulares, que de todos os lados pessoas nos vão inculcando: “Escreva sobre isto, sobre aquilo. Faça-me uma crônica sobre esta efeméride, sim? Sobre a União dos Criadores de Pintassilgos, que acaba de fundar-se. E quanto ao meu livrinho, nada? Não se esqueça de comentar o meu discurso de ontem, que não estava mau. Ajude-nos na campanha contra as roupas nas varandas de apartamentos. Estreei há uma semana no teatro e v. não abriu o bico, hein?” Etc., etc. Não, amigos, o difícil não é ter idéias todos os dias, é precisamente não escrever todo dia, quando tanta gente quer escrever pela nossa humilde e calosa mão.<sup>13</sup>

Contudo, Drummond tinha consciência de dispor de um posto de observação privilegiado, como afirma nesta crônica de 1958, diretamente dirigida a Juscelino Kubistchek, que se hospedara, às custas do erário, no Copacabana Palace.

*Ao presidente JK – Palácio Presidencial (interino) no anexo do Copacabana Palace.*

*(...) Ia propor-lhe, finalmente, que V.Exa. trocasse o seu lugar comigo, e faria melhor do que cedê-lo ao Jango, cujas aptidões ignoro; mas recuo a tempo: pensando bem, lugar nenhum vale o de cronista, em tempos como estes. Servidor de V. Exa.*

C.D.A.<sup>14</sup>

Para Drummond as fronteiras entre os gêneros eram permeáveis, uma crônica tanto podia ser um poema, um conto em vários episódios, um elogio fúnebre, um arrazoado político, uma seleção de pequenos acontecimentos onde a realidade vai mais além da ficção.

(...) Um quarto da população brasileira não tem moradia condigna. Padre arrependeu-se de ter casado e quer voltar à Igreja. (...) Recusada a oferta de 50 mil cruzeiros pela mosca vitoriosa no campeonato de luta livre entre insetos, na Mogiana. (...) Descalço e à vontade, Jango matou a corça com um tiro certeiro. (...) O juiz condenou cinco marginais que tentaram, em equipe, furtar um par de sapatos. (...) Apedrejada no Rio Grande do

13. DRUMMOND, 1958.

14. DRUMMOND, 1958.

Sul a mercearia que baixara o preços dos gêneros. (...) João Nagô casou-se na Bahia pela quinta vez, aos 107 anos, e espera de JK lhe batize os trigêmeos oportunamente.

Tempo bom, nebulosidade passageira, ventos fracos e moderados.<sup>15</sup>

Compreender crônicas tão heterogêneas supõe um bom conhecimento das circunstâncias nas quais foram escritas e só assim se pode apreciar as crônicas de C.D.A. em toda sua amplitude.

Nelas não há distância, não podia ser de outro modo! E é isso justamente que constitui seu interesse principal pois permite uma verdadeira imersão nos debates daquela atualidade.

## As Imagens

As crônicas do *Correio da Manhã* foram publicadas sob o título geral de *Imagens* de 9 de janeiro de 1954 a 7 de janeiro de 1968. A 7 de julho de 1963 a coluna muda de aspecto, mas permanece no primeiro caderno de onde só sairia, já sem o título, em 1968, quando passou para o segundo caderno.

As *Imagens* eram publicadas numa primeira fase na 4ª página, e em seguida na 6ª página do primeiro caderno do *Correio*. Assim, a primeira crônica da série que apareceu por primeira vez a 9 de janeiro de 1954 tinha por título: “Imagens do Rio – A Pipa” e ocupava uma pequena coluna de 7 cm de largura por 41 cm de altura numa página de 54 por 61 cm. Rapidamente, ou seja, a 10 de fevereiro do mesmo ano, a coluna mudou de aspecto e ganhou mais espaço. Passou a ocupar 10 cm de largura por 31 de altura, o que correspondia a uma lauda. Finalmente, após a nova paginação de 1964, *Imagens* passou a ocupar 17,50 cm de largura por 14,50 cm de altura. Em 1968, Drummond saiu da página 6 e passou para a primeira página do Segundo Caderno, onde sua coluna ocupava 8,5 cm de largura por 52,5 de altura.

Durante longos anos um pequeno quadro figurava imediatamente abaixo da coluna. Era uma publicidade para o Banco Boavista, que devia assumir uma parte do salário do cronista. Prova suplementar de sua popularidade.

Enquanto as crônicas foram publicadas no primeiro caderno, avizinham-se com matérias políticas mas se destacavam destas graças à

15. DRUMMOND, 1963.

utilização da tipografia em itálico. O título *Imagens* era seguido por um complemento: *Imagens do Rio*, *Imagens do Tempo*, *Imagens de um dia*, etc. O título, em itálico, era seguido por outro, em negrito: *Imagens soltas: Ao vento*; *Imagens do Brasil: Tudo trocado*; *Imagens mundanas: Defesa de um gênero*. A matéria que constituía a crônica em si era impressa em itálico, querendo lembrar talvez a transcrição de uma conversa ou de um monodialogo, como dizia Drummond e acentuava a importância da oralidade no gênero. A assinatura C.D.A. figurava igualmente em itálico. Contudo, em caso de *post-scriptum*, este vinha em romano.

Todos esses detalhes parecem ter sido propositalmente escolhidos por Drummond. Não dispomos de elementos que confirmem esta hipótese, mas levando em conta a minúcia do autor e seu interesse pela forma, isso parece-nos evidente. Sobretudo se lembrarmos que outros cronistas, como por exemplo Antônio de Alcântara Machado, tinham feito da paginação de suas crônicas um recurso inseparável da mensagem transmitida.

Em 1964, quando passou para o Segundo Caderno, onde dividiam o espaço com a atualidade cultural, as crônicas tornam-se mais “literárias”, fato para o qual o golpe de 64 parece inclusive ter contribuído.

Durante sua longa carreira jornalística, Drummond só trabalhou numa redação em Belo Horizonte. No Rio escrevia sempre em casa, de manhã, depois de uma leitura atenta dos jornais. Em seguida, a caminho da repartição pública, levava sua matéria ao jornal. Mais tarde, quando se aposentou em 1962, um *office-boy* vinha buscá-la.

A escolha do título corresponde a um projeto bem pensado que inscreve as *Imagens* e C.D.A. na linhagem das grandes crônicas e dos grandes cronistas, como Machado de Assis e João do Rio.

Como não relacionar as *Imagens* com as *Aquarelas* de Machado? As crônicas são, tanto para um quanto para o outro, um quadro ou uma foto do mundo que os cercava. Em seguida os subtítulos, “Pipocas” ou “Drops”, que Drummond utilizava nas crônicas constituídas de flashes do cotidiano, lembram as “Balas de Estalo” de Machado.

Portanto o título escolhido por Drummond é uma piscadela de olhos para as crônicas machadianas, mas também para as crônicas de João do Rio. Como é sabido, a crônica afirmou-se como gênero no mesmo período em que a fotografia e sobretudo o cinema faziam sua aparição.

O título de Drummond para as crônicas do *Correio da Manhã* lembra esta relação. Ao mesmo tempo em que remete às *Aquarelas* de Machado

também o faz em relação ao *Cinematógrafo* de João do Rio. A realidade que cruza nas ruas indo ao trabalho ou passeando, a realidade que lhe traz a leitura dos jornais aparece-lhe sob a forma de imagens, como flashes que vai descrever sob o ângulo das impressões que despertam nos seus sentidos. Imagens escolhidas, filtradas: mas com que critérios? Sem dúvida eminentemente subjetivos.

Se levarmos em conta as relações que ligam diário e crônica ou ainda sessões de psicanálise, nas quais o produtor do texto ou o paciente enuncia suas impressões ou seus sonhos, podemos dizer que nos três casos tem lugar uma seleção, uma escolha, inconsciente. Fica uma pergunta: seria possível aproximar a escolha de Drummond desta escolha inconsciente? A leitura das crônicas, ou melhor, o estudo dos temas selecionados poderia servir para penetrar aspectos da personalidade drummondiana?

Se tratarmos o conjunto das *Imagens* como transcrições do resultado da ação do mundo exterior sobre os sentidos do cronista, sobretudo a visão, poderíamos perguntar-nos por que terá escolhido um fato e não outro. Nesse sentido, a enunciação, neste caso, as crônicas são a manifestação da singularidade mais absoluta de Drummond, que a crônica concretiza.

O leitor de hoje depara com recortes de jornal que se seguem, se encadeiam. É grande a tentação de fingir-se um demiurgo e colocar todas essas Imagens em movimento para chegar assim a recriar uma realidade que ficou para sempre atrás. Como os fotogramas de um filme as *Imagens* que se seguem se relacionam diretamente ou não, são o filme das visões de Drummond de seu cotidiano e da vida nacional nos anos 50/60.

Quando publicou a crônica nº 500 dois anos depois, o sucesso das *Imagens* já é mais do que evidente:

Lendo a palavra dos amigos, senti desejo de rever os escritos. Tive uma sensação de perenidade e equilíbrio, não que o estilo fosse imortal, mas porque os assuntos são eternos e sempre alimentarão a crônica. A primeira estudava a sociologia da pipa, meio de abastecimento d'água que então se generalizava no Posto 6. Dois anos e sete meses depois, a quingentésima (horrenda palavra) é comemorada com uma pipa que o chefe do 2º Distrito de águas amavelmente pôs à minha disposição.<sup>16</sup>

16. DRUMMOND, 1956.

A primeira crônica “Imagens do Rio: a pipa” tratava com humor irônico um dos problemas crônicos que atormentavam a vida dos cariocas: a falta d’água. Quatrocentas e noventa e nove crônicas mais tarde, o cronista relata a chegada de uma pipa a seu domicílio, gentilmente enviada pelo chefe do 2º Distrito de águas, o que dá uma idéia da popularidade do cronista. Se o fato não foi verdadeiro, poderia ter sido.

Publicada em 9 de janeiro de 1954, essa primeira crônica de uma longa série versava sobre um problema cotidiano: “A Rua Joaquim Nabuco, no Posto 6, é uma rua feliz: há anos que não se queixa de falta d’água”.<sup>17</sup>

Esta primeira frase coloca imediatamente o cronista como um cidadão que compartilha o cotidiano de seus leitores. O tom irônico transparece na primeira linha: “rua feliz” e logo se reafirma: “(...) A pipa é sobretudo um sonho, uma alegoria motorizada, e a suprema aspiração do vivente”.<sup>18</sup>

Lida hoje, a crônica remete à precariedade de alimentação em água potável que assolava o Rio nos anos 50. O inchaço urbano não fora precedido, nem seguido, pela instalação das infra-estruturas necessárias. Em caso de falta d’água, os usuários deviam chamar pelo telefone um caminhão pipa, telefone que na maior parte das vezes não funcionava. Quem vivia o martírio cotidiano só podia sorrir ao ler:

Se você pensa em telefonar para 32-2172, dizendo que falta água em seu apartamento, não faça isso: o aparelho está ocupado e assim continuará até a consumação dos séculos. Use a imaginação, e peça com voz doce e descuidosa que, se não for muito incômodo, mandem o carro-pipa. Pode ser que um dia o telefone não esteja ocupado, e ouça o pedido, e que continue ocupado: fale assim mesmo, como um palerma, fale sempre com doçura, porque um dia há o milagre e a pipa chega.<sup>19</sup>

No entanto o riso é amarelo. O leitor vivia, como o cronista, uma situação kafkiana: vítimas ambos de uma realidade contra a qual nada ou pouco se podia: o clientelismo dominava a política e tornava inexistentes os direitos dos cidadãos.

17. DRUMMOND, 1954.

18. DRUMMOND, 1954.

19. DRUMMOND, 1954.

... seu nome está na lista há quinze dias. A pipa ia justamente para a sua casa (...), E o Serviço manda desrespeitar a lista, porque há um clamor aflito partindo da residência do Senador Procópio...<sup>20</sup>

O emprego da fórmula de tratamento você introduz aqui o diálogo e a identificação com o leitor. *Você* é ao mesmo tempo o leitor e o autor. “Chega um momento em que *você* ouve o ronco tenebroso do motor enchendo de água a sua casa”.<sup>21</sup>

Logo nessa primeira crônica, C.D.A. decide criar um espaço de diálogo com o leitor do *Correio da Manhã*. Diálogo que duraria 15 anos e que os leitores, seguindo-o quando foi para o *Jornal do Brasil*, manteriam durante 15 anos mais.

Ao anunciar para o dia seguinte a continuação do assunto: “Estudaremos a sociologia da pipa”, C.D.A. adota uma fórmula que em seguida utilizará com parcimônia, mas que era importante num início, a fórmula consagrada do folhetim, que procura prender o leitor através da curiosidade em relação ao “próximo capítulo”.

Nessa segunda crônica, que retoma em parte o título da primeira, a pipa torna-se um elo de ligação entre os habitantes da cidade-grande.

(...) se a pipa surge na esquina da rua provendo às necessidades fundamentais da espécie, o começo de aproximação se consolida e atinge a convivência. A pipa cria amizades, através da revolta, da esperança, da euforia.<sup>22</sup>

E ao utilizar a fórmula consagrada: “Proletários do mundo: unamo-nos”, devidamente transformada em: “Moradores da rua Joaquim Nabuco, unamo-nos”, Drummond não deixa de dar uma espetadela nos comunistas que não lhe davam alívio nesses anos 1950.

A crônica de Drummond é como uma pipa, cria um laço entre vizinhos, o autor partilha com eles, vizinhos leitores, uma vida comum que o cronista comenta. O comezinho é promovido a tema, assunto, objeto de análise.

20. DRUMMOND, 1954.

21. DRUMMOND, 1954.

22. DRUMMOND, 1954.

Mas já não é a realidade que o leitor encontra e sim uma supra-realidade, C.D.A. devolve ao leitor um Rio “revisitado”.

O tom leve dessa primeira crônica prevalece na imensa maioria delas, mas não impede que o cronista quando movido pela necessidade faça da crônica sua tribuna, o que para ele justificava a quase ausência de entrevistas durante um longo período.

Eu tenho um arquivo bastante grande, onde as entrevistas, ou pelo menos as declarações, os pronunciamentos menores, as opiniões são muito numerosas. Apenas, com o tempo, e pelo fato de eu ter me profissionalizado como jornalista, eu tomei a decisão de não dar entrevistas sobre assuntos que eu versasse, normalmente, *na minha coluna*. Então, a minha opinião, em vez de ser dada a um repórter em um momento, para um determinado grupo de leitores, fica assim dada, regularmente, na minha coluna, durante anos e anos.<sup>23</sup>

É importante ressaltar que C.D.A. confere à crônica do *Correio da Manhã* o caráter de coluna, tribuna onde nunca deixou de manifestar suas opiniões em frente a fatos que lhe parecessem dignos de nota.

Num programa difundido pela GNT no ano do décimo aniversário de sua morte, Afonso Romano de Sant’anna, José Maria Cançado e Geneton Machado afirmaram que Drummond não assumira o papel que poderia ter assumido durante os anos de chumbo, citando o exemplo de Alceu de Amoroso Lima, que deixando de apoiar o regime militar passara a militar intensamente contra ele.

Afirmando que Drummond não teve no cenário político nacional uma presença à altura de seu prestígio, referiam-se certamente apenas ao período das crônicas do *Jornal do Brasil* (1969-1984), parecendo ter esquecido as crônicas do *Correio*, onde, pelo contrário, Drummond manifestou sua opinião política sempre que isso lhe pareceu necessário. Não que tenha escrito crônica política, embora isso tenha acontecido de forma ocasional, escreveu sim crônicas nas quais a política faz irrupção, de repente, como o fantástico, à medida que os acontecimentos o exigem.

Uma leitura atenta das 2432 crônicas permite constatar que Drummond se expressou sobre todos os acontecimentos que marcaram a história

23. DRUMMOND, 1985.

do Brasil entre 1954 e 1969, ou pelo menos até o AI-5, momento que aparece como um ponto de *non-retour* na involução da vida política brasileira e também na expressão de Drummond sobre a política nacional.

Esse Drummond desconhecido, cidadão, envolvido na vida da pólis, preocupado com o bem público, com o respeito às leis, a legalidade republicana, precisa ser redescoberto, valorizado, Drummond com seu jeitinho mineiro, irônico, mordaz, perscrutador esteve presente sim, e muito, na vida nacional. Esperamos que as crônicas “temporais” de Drummond venham a ser reeditadas em breve, o Brasil precisa delas.

*Résumé: Entre 1954 et 1969 Carlos Drummond de Andrade écrit trois chroniques hebdomadaires dans les pages du Correio da Manhã, journal aujourd'hui disparu, qui était le plus important organe de presse brésilien de cette période. Une infime partie de ces chroniques furent publiées en recueil. Le choix fut établi par l'auteur lui-même selon le critère de l'atemporalité ou du degré de littéralité, seules à son avis méritant demeurer. Néanmoins il ne s'agit pas de celles qui permettent de dévoiler des aspects aujourd'hui oubliés et qui concernent la place du poète-chroniqueur dans la société brésilienne. La lecture des chroniques du Correio da Manhã montre un auteur présent et agissant dans la vie publique de son époque. Ce Drummond, complice des lecteurs avec qui il partage le même quotidien, mérite et se doit d'être récupéré.*

*Mots clés: chronique, société, quotidien.*

#### *R e f e r ê n c i a s   B i b l i o g r á f i c a s*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma poesia de emergência. Entrevista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1984. Folhetim.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de Balanço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista a Augusto Massi. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1984.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista a Gilberto Mansur. *Status*, São Paulo, jul. 1985.

ATHAYDE, Tristão de. Ensaio e crônica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1960.

\_\_\_\_\_. Machado Cronista. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 out. 1960.

BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras* (A crônica de Carlos Drummond de Andrade – 1930-1934). 1984. Tese (Doutoramento) – USP-FFLCH, São Paulo.

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

BARTHES, Roland. Structure du fait divers. In: *Essais, critiques*. Paris: Seuil, 1964. p. 188-197.

BENJAMIN, Walter. Sur le concept d'histoire. In: *Écrits français*. Paris: Gallimard, 1991. (Bibliothèque des idées, N.R.F.)

BERGSON, Henri. *La conscience et la vie, le possible et le réel*, (textes et contextes). Paris: Magnard, 1985.

BOOTH, Wayne. *La retórica de la ironía*. Madri: Taurus, 1986.

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

C.D.A. Imagens de jornal. Para Agradecer. *Correio da Manhã*, 14 ago. 1956.

C.D.A. Imagens das Letras: Doyle Garimpeiro. *Correio da Manhã*, 15 mar. 1964. Publicada no mesmo ano em *Viola de Bolso II*.